

LANÇAMENTO/RESENHA DO LIVRO DE LUCIANA ALIAGA:

GRAMSCI E PARETO. Ciência história e revolução.

Curitiba: Appris Editora, 2017

27 de setembro de 2018 – Sala 4012- CCHLA – 19 hs

Caríssima Luciana e querido prof. Rodrigo Freire, Vice- diretor do CCHLA e todos os presentes

É uma honra e uma satisfação muito grande estar aqui hoje nesta mesa para o lançamento do livro da profa. Luciana.

O livro, que é fruto da tese de doutorado na UNICAMP e aborda um tema (o elitismo) através da leitura de dois autores extremamente relevantes como Gramsci, muito bem traduzido e conhecido no Brasil e na América Latina (sugerir Alberto Filippi) não somente na sociologia, mas também na educação, na filosofia e em outras ciências humanas, e Vilfredo Pareto, muito menos conhecido no Brasil.

Pelo que pude ver na bibliografia não há nenhuma obra dele publicada no Brasil, com exceção de um texto sobre *A crítica ao Capital de Marx* publicado em 1937... O que eu conheço é um pequeno livro de Cristina Buarque de Hollanda, *A teoria das Elites*, com uma pequena antologia de textos e a obra de Bobbio *Ensaio sobre a ciência política na Itália*, que me parece ser o texto mais completo publicado no Brasil sobre o tema.

Pelo que pude ver não há outras referências brasileiras sobre o tema do elitismo, excetuando os trabalhos de Álvaro Bianchi na UNICAMP e de Luciana Aliaga..... Talvez nos estudos de Carlos Nelson Coutinho..

Luciana trabalhou esse tema anteriormente em pelo menos 3 ensaios

A Questão Política Dos Intelectuais: As "Elites" Dirigentes Nos Quaderni Del Carcere
De A. Gramsci

A “*questão política dos intelectuais*”: Um diálogo crítico de A. Gramsci com a Teoria das Elites

BIANCHI, Álvaro ; ALIAGA, Luciana . *Força e consenso como fundamentos do Estado: Pareto e Gramsci*. Revista Brasileira de Ciência Política (Impresso), v. 3, p. 17-36, 2011.

O que faz com que Luciana, se não me engano, seja a maior especialista sobre o tema no Brasil.

O livro é muito bem escrito e documentado, e demonstra um profundo conhecimento da obra dos dois autores, mas também do contexto político italiano e europeu em que ela se insere.

Este me parece a grande virtude do livro, eu que sou italiano aprendi bastante sobre a história política italiana da época dos dois autores que ainda tem reflexos, sobre a política italiana atual, baste pensar no transformismo que voltou com toda força na época de Berlusconi.

Mas queria retirar do debate as conclusões que vão além da conjuntura histórica em que ele se deu. Eu vou me limitar a algumas poucas questões, a partir do título:

Gramsci e Pareto. Ciência, história e revolução... Falta uma palavra-chave: elitismo ou elite. Assim vou utilizar 4 palavras para fazer minha apresentação: ciência, história, revolução e elites.

Ciência e história.

A primeira observação se refere aos dois conceitos de ciência, o de Pareto e o marxista, vc contrapõe os dois mas eu acho o tema mais complexo...

Como escreve o prof. Ruy Braga no prefácio, Pareto deveria constar entre os fundadores da sociologia junto com Durkheim e Weber, ambos positivistas... (foi substituído por Marx devido à sua vinculação com o fascismo). A concepção de ciência de Pareto é bastante clara, se insere no projeto positivista de fundar uma ciência humana nos moldes das ciências exatas... Por isso estamos aqui num Centro de Ciências Humanas... (Em Pernambuco é *Filosofia e Ciências Humanas*, eu havia proposto que fosse Centro de – Várias Humanidades... mas não passou no Conselho de Centro.)

E em Max: eu entendo que, além das três fontes canônicas, o historicismo hegeliano, o socialismo francês e a economia política inglesa. há em Marx uma influência do positivismo... Não por acaso ele defende um socialismo **científico** e não **utópico**, o que curiosamente lembra a crítica de Pareto e de Weber à ideologia em nome da ciência...

O positivismo faz parte do espírito do tempo no século XIX e Marx queria ser um cientista como Darwin... Vc sabe que houve toda uma discussão na França com Althusser e na Itália com Galvano della Volpe e Lucio Colletti ... Della Volpe chamava Marx de *O Galileu das ciências morais*... Sem ressuscitar esta discussão que não deu em nada, o que vale é relembrar que há sim uma pretensão “cientificista” em Max e no marxismo

Mas Marx é também discípulo de Hegel, e talvez o maior dele, e Hegel tem uma concepção totalmente diferente de ciência: baste pensar na *Enciclopédia das ciências filosóficas em epítome*... a Ciência para Hegel é história, é a filosofia (ou teologia ou teodiceia secularizada da história) ...

Esta é a ambiguidade do marxismo que mantém os dois conceitos de ciência, um positivista e o outro historicista, sem que ambos possam ser compatibilizado ... Gramsci

foi discípulo de Marx, mas também sofreu a influência de Benedetto Croce, o pelo menos reconheceu a grande influência do pensamento de Croce na sua formação, como Luciana mostra. E ambos Croce e Marx são hegelianos, assim como Gentile.

Há assim uma tensão entre os dois conceitos de ciência positivista e historicista.

Vejamos o exemplo do elitismo... Os elitistas como Pareto, Mosca e Michels proclamam a famosa e famigerada lei férrea da oligarquia como se fosse uma lei natural, uma característica da própria natureza humana, uma Lei que afirma que sempre haverá governantes e governados...

Gramsci não concorda com esta naturalização das relações sociais, e a historiciza ... Mas, mesmo historicizadas, elas não perdem o caráter de lei, de regularidade, de um fim, de certo determinismo não mais natural, mas histórico...

O marxismo ou a filosofia da práxis, como Gramsci afirmava, foram “canonizados” como materialismo histórico e dialético... comportando um pesado determinismo originário de uma filosofia da história que possui um fim, um telos a ser alcançado. (ver Karl Löwith)

E aqui chegamos ao conceito de **Revolução**...

O que Luciana trabalha é, sobretudo e com muita maestria o tema de revolução passiva que caracteriza a Itália e todos os países que não passaram por uma revolução, como a Francesa ...

Esses países viveram uma “revolução pelo alto, feita pelos acordos entre elites que excluía o povo e a participação popular das classes subalternas..

E aqui vem toda a reflexão de Gramsci sobre a revolução no Ocidente e no Oriente, sobre a necessidade da hegemonia como conjunto de consenso e força e sobre as características diferentes da revolução no Ocidente...

Mas o conceito de revolução permanece no horizonte explícito de Gramsci como de todos os marxistas...

ELITES e INTELECTUAIS

Se a revolução passiva se dá através dos intelectuais tradicionais, a revolução socialista se dará através dos intelectuais orgânicos...E aqui chegamos ao que interessa, ao tema do elitismo...

Luciana desenvolve muito bem este tema mostrando as diferenças profundas entre o elitismo de Pareto, que dos três autores é o mais conservador e o mais antissocialista, anticomunista e antimarxista... e a concepção gramsciana, embora Gramsci não fale muito diretamente de Pareto e faça poucas referências aos elitistas..

Pareto acentua o aspecto da força em relação ao consenso, (p.119), enquanto em Gramsci deve haver uma combinação de força e de consenso que se equilibram... p. 122

Pareto não concorda com a divisão entre “oprimidos e opressores” porque são termos exagerados, na verdade se trata de uma nova elite que chega ao poder, p. 120 é a sua teoria da “circulação das elites”, enquanto que em Gramsci e no marxismo esta distinção é fundamental e é o que fundamenta a luta de classe como motor da história, que encontrará no comunismo não uma substituição de uma elite por outra, mas a eliminação das classes...

Pareto tem uma concepção da massa como um conjunto de indivíduos intrinsecamente inerte e sem vontade própria p. 120 enquanto para Gramsci e para o marxismo o homem é um ser social e não um átomo isolado e todos os homens são filósofos embora nem todos exerçam a função social dos filósofos... ou seja, há uma concepção menos passiva e mais participativa das massas populares vista sob a ótica das relações de classe...

Pareto está convencido que “a democracia é o pior inimigo da liberdade” ... p.121

Pareto no final da sua vida havia aderido ao fascismo “que restabeleceu a autoridade do governo e da ordem pública” p. 122, enquanto Gramsci considera o fascismo uma forma de paternalismo que buscou soluções hierárquicas e centralizadas em um pequeno grupo de homens ou num só homem... p. 124

E Luciana conclui esta parte com esta afirmação:

“A rigor a permanência histórica das minorias dirigentes, bem como o estado de passividade em que se encontram as massas populares, não carrega em si uma análise conservadora da política, antes, é possível afirma que esta é, a realtà effettuale experimentada por todas as sociedades organizadas.....p. 127

Gramsci discorda dos elitistas, de que esta condição seja um destino inscrito na natureza humana, ao contrário para ele é uma condição histórica que deve e pode ser superada...

Mas, como afirma Luciana, é claro que ele, como toda a intelectualidade italiana recebeu um forte impacto da teoria das elites, que segundo Bobbio, cria e funda a ciência política como disciplina na Itália. Mosca havia ensinado na universidade de Turim antes e durante a chegada de Gramsci na cidade....Gramsci tem que responder ao grande desafios que os elitistas lançaram para o marxismo italiano, que ficava entre o positivismo cientificista de um lado, e o historicismo idealista ou o idealismo historicista do outro.

Mas não me parece que Gramsci consiga sair desta ambiguidade

E aqui vem minha pergunta e questão e minhas observações finais:

Vou começar com uma frase do livro na página 251

Gramsci, por sua vez, contesta a ideia já consagrada em seu tempo de uma **intelligentsia detentora de potencialidades libertadoras da ciência, em condição de ser guia do povo ou de um grupo portador da consciência nacional**. Reelabora o conceito de intelectual, alargando-o, definindo-o

como organizador de classe, isto é, como dirigente político sempre ligado às classes sociais, donde surgem as categorias de intelectual orgânico e de intelectual tradicional. Enquanto o intelectual tradicional se caracterizaria, sobretudo, por representar a ética e a política tornadas anacrônicas em virtude da superação do modo de produção da vida que as sustentava, devido à implantação de um novo bloco histórico, o intelectual orgânico, pelo contrário, seria definido pela sua ligação aos modernos grupos sociais, que emergem na medida em que superam uma situação social anteriormente dominada e dirigida por antigos grupos no poder (Gramsci, 2007, Q.4, §49, p. 475).¹

Pelo que conseguimos entender, há sim um pressuposto, nem tanto implícito apesar das reticências de Gramsci devido às condições em que foi obrigado a escrever, ou seja, a missão do intelectual orgânico de “elevar” as massas a um saber “científico-filosófico” já definido, que nada mais é que o marxismo como materialismo histórico e dialético.

Nesse ponto de vista, o idealismo e historicismo de Gramsci são especulares ao idealismo e historicismo de Croce e Gentile, embora de sentido oposto: trata-se de um debate entre duas totalidades ou totalitarismos de direita e de esquerda, conservador e progressistas, reacionário e revolucionário. A esse respeito, encontramos, no *Dizionario Gramsciano* uma citação que me parece muito esclarecedora:

Tuttavia, nel momento in cui smaschera la posizione gentiliana come mera ipostatizzazione del regime totalitario imposto dal Partito fascista, Gramsci distingue tra situazioni in cui «il partito dato è portatore di una nuova cultura e si ha una fase progressiva» da altre in cui «il partito dato vuole impedire che un'altra forza, portatrice di una nuova cultura, diventi essa “totalitaria”; e si ha una fase regressiva e reazionaria oggettivamente». (Quaderno 6, §136, p. 800) **La differenza fra il totalitarismo fascista e quello comunista** consiste nel fatto che mentre il primo tende a riassorbire la società civile all'interno dello Stato, riducendo l'egemonia alla forza, nel secondo «l'elemento Stato coercizione si può immaginare esaurentesi

¹ ALIAGA, Luciana. Gramsci e a democracia nos Cadernos do Cárcere: a crítica à teoria das elites. *Revista Crítica Marxista*, nº 42, São Paulo: UNESP, 2016, p. 13. (negritos meus).

mano a mano che si affermano elementi sempre più cospicui di società regolata (o Stato etico o società civile).²

Trata-se de uma tarefa espantosa na sua grandiosidade, que mira a “plasmear uma vontade coletiva nacional que promova uma reforma moral e intelectual da Itália”, enquanto “necessidade histórica” de realizar uma “revolução nacional”, de moldar uma férrea vontade coletiva para alcançar uma forma “superior e total de civilização”; de assumir um papel ético-político quase que absoluto, que não admite conciliações, mediações, e se torna um “imperativo categórico que investe toda a vida e as relações de costume”.

O que, ao final mostra todas as limitações da formação gramsciana que nunca se libertou da influência do idealismo e do historicismo e do neo-hegelianismo de Croce, que condicionaram a sua leitura de Marx, que ao final era também um neo-hegeliano, ainda que de esquerda. Diante desta tarefa imensa e “totalitária” especular e oposta ao totalitarismo fascista, o liberalismo positivista e cientificista dos elitistas como Pareto, Mosca e Michels parece bem pouca coisa.

E esta ambiguidade entre a concepção positivista e idealista de ciência presente no marxismo que cria as aporias que apresentei... e que podem oferecer as bases por uma leitura elitista de esquerda, obviamente bem diferente da de Pareto, de Michels e de Mosca, mas sempre de alguma forma elitista, como afirma por exemplo Maurice Finocchiaro, em *Beyond Right and Left: Democratic elitism in Mosca e Gramsci*, Yale University Press 1999³

Ao contrário, Carlos Nelson Coutinho, comentando a frase dos *Cadernos do Cárcere*, em que Gramsci historiciza a tese dos elitistas, retirando-lhe o seu caráter de “lei natural e universal”, esclarece:

² COSPITO, Giuseppe. Egonia. In: LIGUORI, Guido e VOZA, Pasquale (orgs). *Dizionario gramsciano (1923-1937)* Roma: Carocci Editore, 2009, p. 268. Apesar da confiança marxista e gramsciana de que, com o advento do comunismo, o elemento do Estado coerção irá se exaurindo aos poucos, na medida em que a sociedade civil autorregulamentada irá surgir, o que de fato aconteceu na União Soviética foi a absorção da sociedade civil no interior do Estado, reduzindo a hegemonia à força.

³ FINOCCHIARO, Maurice A. Gramsci e Gaetano Mosca. In: GIACOMINI, Ruggiero; LOSURDO, Domenico; MARTELLI, Michele (orgs). *Gramsci e l'Italia*. Napoli: Città del Sole, 1994, pp. 114 e 120. Finocchiaro aprofundou o tema in: *Beyond Right and Left: Democratic Elitism in Mosca and Gramsci*. Yale: Yale University Press, 1999.

Esta posição historicista não deixa nenhuma dúvida sobre o fato de que Gramsci se afasta da “ciência política” do seu tempo – por exemplo, daquela formulada por Gaetano Mosca – com a mesma radicalidade com que Marx se afastava da economia política de Smith e Ricardo. Parece-se assim absolutamente injustificável a posição de um estudioso norte-americano que, pretendendo defender a indefensável hipótese de que “a teoria política gramsciana é em grande parte uma crítica construtiva ou um desenvolvimento crítico da teoria de Mosca” diz, corretamente que “Mosca parece teorizar a eternidade e imutabilidade deste fato [a divisão entre governantes e governados], enquanto Gramsci parece pressupor o oposto”, mas conclui de maneira precipitada, afirmando “que esta diversidade talvez seja apenas aparente”⁴.

Uma tese que preciso aprofundar muito mais e que jogo na mesa para o debate...riquíssimo que este magnífico livro de Luciana levanta...

⁴ COUTINHO, C. N. *De Rousseau a Gramsci*. Ensaios de teoria política. São Paulo: Editora Boitempo, 2011, p. 113-114. Nessa mesma linha ver: BIANCHI, Alvaro; ALIAGA, Luciana. Pareto e Gramsci: itinerários de uma ciência política italiana. *Análise social*, 203, XLVII (2.º), 2012.